

As viagens marítimas e a nova visão do mundo e da natureza

LUÍS FILIPE BARRETO

O horizonte cultural dos descobrimentos portugueses é um participante activo na revolução cultural e no limite epistémico do Renascimento. Em especial através da co-implicação com o humanismo, a cultura dos Descobrimentos é um contribuinte fundamental para uma imensa transformação do modo de pensar, apresentando, contudo, as mesmas fronteiras do possível e do impossível renascentista.

Os Descobrimentos manifestam uma grande capacidade de adaptação, utilização e transformação criativas do saber tradicional, mas a crítica dos Descobrimentos, mesmo a sistemática, não é jamais de alternativa radical ao sistema orgânico-qualificativo herdado. A episteme tradicional é mais aceite do que questionada; é a nível informativo e factual que o contributo dos Descobrimentos é revolucionário, permitindo construir uma nova imagem da natureza física, contrariar saberes estabelecidos e provar a falsidade de muitas noções limitativas

O Renascimento é uma revolução cultural que, ao longo dos séculos XV e XVI, apresenta uma nova visão do Mundo e da Natureza. Embora diferente da concepção dominante na Idade Média, esta visão renascentista é herdeira, em sistema de mais continuidade do que descontinuidade, das ideias e dos ideais gerados pela antiguidade greco-latina e pela medievalidade cristã e judaico-islâmica.

O horizonte cultural dos Descobrimentos Portugueses, ou seja, a tela de produtos da linguagem e do pensamento nascidos da e com a expansão planetária europeia, é um participante activo na revolução cultural e no limite epistémico do Renascimento.

A cultura dos Descobrimentos, em especial através da co-implicação com o Humanismo, é um contribuinte fundamental para esta imensa «transformação do modo de pensar» (E. Garin), mas, ao mesmo tempo, não deixa de apresentar as mesmas fronteiras do possível e do impossível renascentistas.

É preciso, antes de mais, situar o fenómeno cultural dos Descobrimentos no quadro lógico e natural do seu enraizamento, no seu verdadeiro horizonte de pertinência e de procedência.

O recolocar dos Descobrimentos no seio do tecido epocal legítimo leva-nos, bem ao contrário do que em geral é afirmado, para uma ordem do Mundo e da Natureza predominantemente tradicionais, para um horizonte de existência e de pensamento dominado pela «síntese aristotélico-tomista» (W. G. L. Randles).

Os Descobrimentos apresentam um dominante quadro de herança e de tradição clássico-medieval operando com uma ontologia e física orgânico-qualitativa e com uma epistemologia, no essencial, aristotélico-naturalista.

O que os Descobrimentos manifestam é uma grande «capacidade de adaptação, utilização e transformação criativas do saber tradicional (manifestada, por exemplo, em instrumentos náuticos de observação, como o astrolábio e o quadrante, mas presente também na astro-

nomia dos regimentos e mesmo na tipologia da construção naval» (Luís Filipe Barreto, *Portugal Mensageiro do Mundo Renascentista*, Lisboa, 1989, p. 29).

Os Descobrimentos são a tradição retocada. As novidades técnico-científicas do astrolábio náutico e da carta plana quadrada representam uma adaptação criativa do astrolábio plano e da carta-portulano. (Ver Luís de Albuquerque, «Cartografia», in *Panorama e Perspectivas da Cartografia Portuguesa*, Lisboa, 1980, pp. 10 a 16). Através de um processo de simplificação operativa no primeiro caso e de rigorização representativa no segundo. Em ambos os casos, que são exemplares típicos do horizonte epistémico dos Descobrimentos, o que está em jogo não é uma qualquer ruptura frente aos horizontes medievais, mas sim uma potenciação da sua esfera de utilidade e de existência.

Os Descobrimentos enquanto cultura emergem e ganham sentido no interior de uma física aristotélica, de uma astronomia aristotélica-ptolomaica, de uma

medicina galénica de uma farmacopeia fundada na lógica classificativa de Dioscórides, de uma zoologia que toma como referente orientativo Aristóteles e de uma antropologia centrada na herança clássica retocada por Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino.

Os Descobrimentos, como todo e qualquer programa cultural renascentista, usam estes universos referenciais, herdados da antiguidade greco-latina e integrados na cultura medieval cristã, como utensilagem criadora da linguagem e do pensamento classificativo, descritivo, explicativo, etc., da expansão planetária.

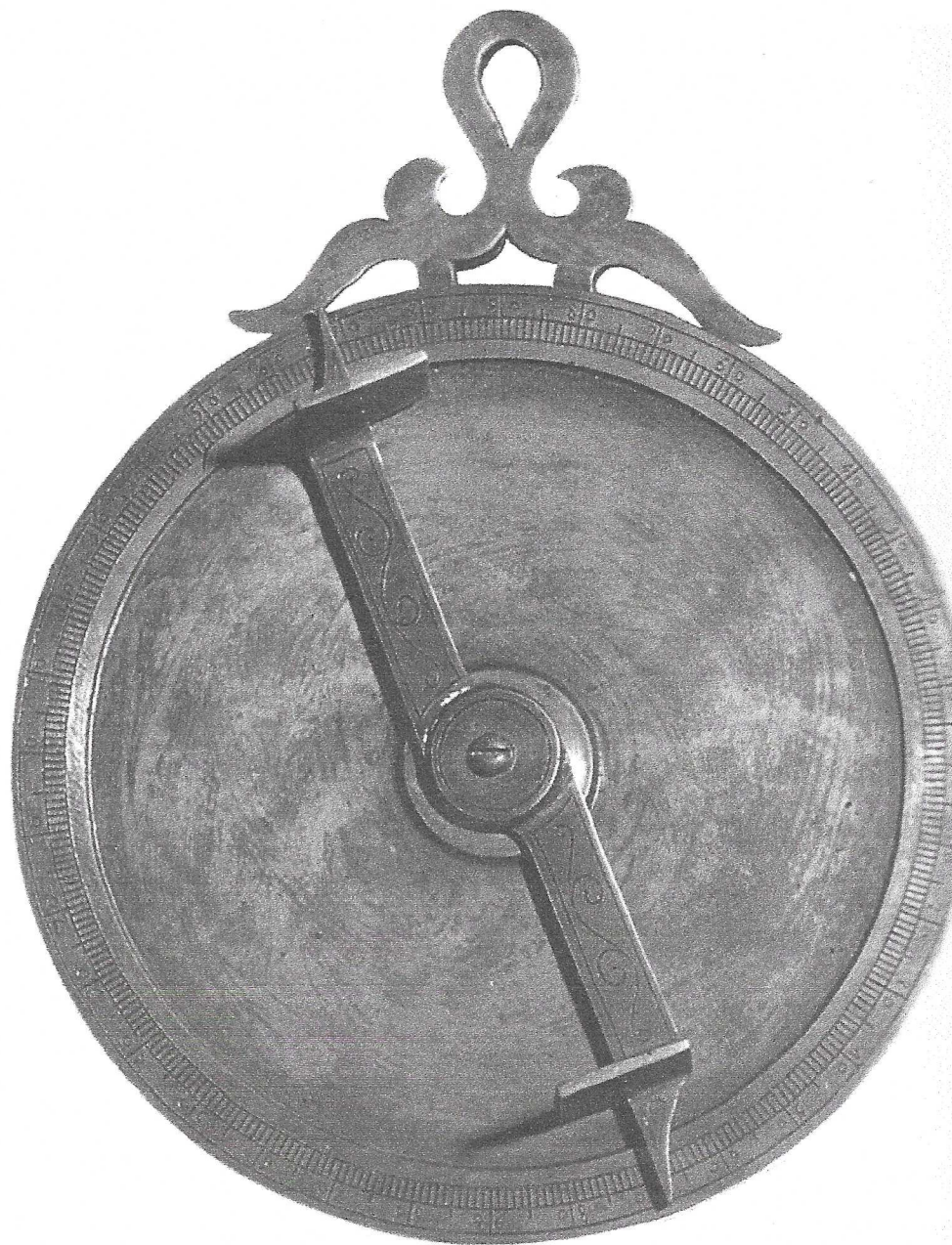
A utilização de todo este universo referencial faz-se por escolha e adaptação criativas às novas necessidades da tela renascentista em que «a lição dos Antigos remete permanentemente para a experiência actual, e ambas se iluminam e nutrem entre si» (Eugénio Garin, *Scienza e Vita Civile nel Rinascimento Italiano*, Roma, 1980, p. 18).

É em torno deste processo de adaptação e de potenciação criativas da herança/«ciência natural» (Thomas S. Kuhn) que se constitui a tradição retocada que é o horizonte, em última instância, dominante na episteme dos Descobrimentos e do Renascimento em geral.

A adaptação criativa assume, numa parte que é quantitativamente dominada e epocalmente secundária, uma faceta de sistemática crítica interna ao universo herdado e normalizado que é então tomado (mesmo assim, tão-só parcialmente) como tradição a combater e a superar: «[...] não me ponhais medo com Dioscórides, nem Galeno, porque não hei-de dizer senão a verdade e o que sei» (Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, ed. conde de Ficalho, tomo I, Lisboa, 1891, col. IX, p. 105).

Através do criticismo pontual e acessório, que é o tipo dominante de horizonte crítico dos Descobrimentos, ou através da rara crítica do tipo sistemático e essencial, a cultura dos Descobrimentos contribui para a crise renascentista do paradigma de Mundo e de Natureza orgânico-qualitativa. Contudo, mesmo este contributo revolucionário é limitado e interno ao próprio sistema orgânico-qualitativo (como se vê em D. João de Castro, que mostra os erros ptolomaicos das latitudes no interior do quadro geocêntrico-ptolomaico de esfera), e, mais do que isso, não é a face dominante do horizonte epistémico dos Descobrimentos.

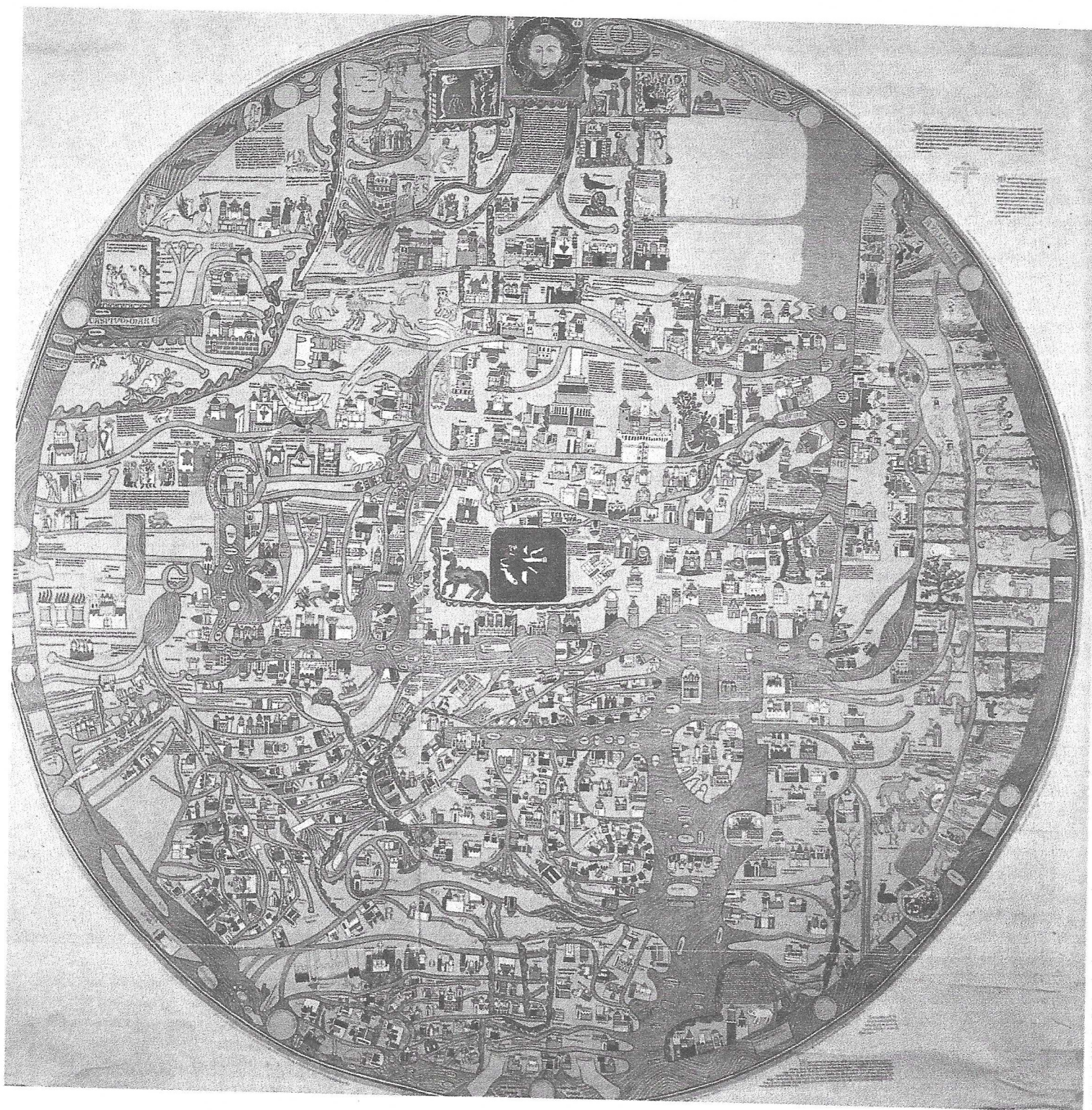
A crítica dos Descobrimentos, mesmo



a sistemática, não é jamais de destruição do essencial ou de alternativa radical ao sistema orgânico-qualitativo herdado, mas sim de elucidação, de confrontação, de enriquecimento e de correcção/fortalecimento desse mesmo sistema, em especial a nível informativo.

Os Descobrimentos operam, tanto no dominante plano prático como no dominado plano teórico, com uma astronomia tradicional, de base aristotélico-ptolomaica, dividida em qualidades de celestial e de elemental, assente num sistema geocêntrico de esferas celestes: «a universal máquina do mundo integra duas esferas principais: a elemental e a celestial. A elemental, submetida à geração e à corrupção, [apresenta] quatro corpos simples: fogo, ar, água e terra» [Pedro Nunes, *Astronomici*

Astrolábio do século XVI (existente no Museu Marítimo de Barcelona e considerado como astrolábio náutico). Os Descobrimentos manifestam uma grande capacidade de adaptação, utilização e transformação criativas do saber tradicional. O astrolábio náutico representa uma adaptação criativa do astrolábio plano.



Esquema das zonas da Terra representado no Guia Náutico de Munique e no Guia Náutico de Évora.

Um novo saber do mundo gera um maior e melhor mundo do saber em polémica com os enunciados herdados: «[...] esta terra é muito vizinha do círculo da equinocial, da qual os antigos disseram que era inabitável e nós, por experiência, achamos o contrário.»

Introductorii de Spaera Epitome/post 1542?, in «Obras» vol. I, Lisboa, 1940, p. 245 (traduzimos do latim). Sobre a forma de utilização deste quadro teórico da astronomia na náutica, ver Luís Filipe Barreto, *Caminhos do Saber no Renascimento Português*, Lisboa, 1986, pp. 76 a 82, bem como a bibliografia aí indicada].

Os Descobrimientos, mesmo no plano mais teórico-crítico, não põem em causa

os princípios formulativos essenciais da visão tradicional, isto é, orgânico-qualitativa do Mundo e da Natureza. Por isso, os Descobrimientos participam internamente na ontologia e na episteme da prosa do Mundo em que, «até fins do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtivo no saber da cultura ocidental [...] no século XVI, considerava-se que os sinais tinham sido colocados sobre as coisas para que os

homens pudessem aclarar os seus segredos, a sua natureza ou as suas virtudes» (Michel Foucault, *Les Mots et les Choses*, Paris, 1975, pp. 32 e 72).

A utilização, pela marinharia dos Descobrimientos, da astronomia geocêntrica coloca, no plano formulativo e conceptual, a cultura da aventura planetária no quadro da tradição e herança.

O contributo dos Descobrimientos para uma nova visão do Mundo e da Natureza é essencialmente informativo e factual-empírico. A aceitação do geocentrismo ptolomaico coexiste com a crítica às limitações e aos erros das latitudes das «tábuas ptolomaicas»: «[...] portanto quem entende os discursos de Ptolomeu entenderá quão pouca certeza pode haver nos sítios dos lugares que em suas tábuas põe» (Pedro Nunes, *Anotações do Livro Primeiro da Geografia de Ptolomeu/1537*, in «Obras» tomo I, Lisboa, 1940, p. 155).

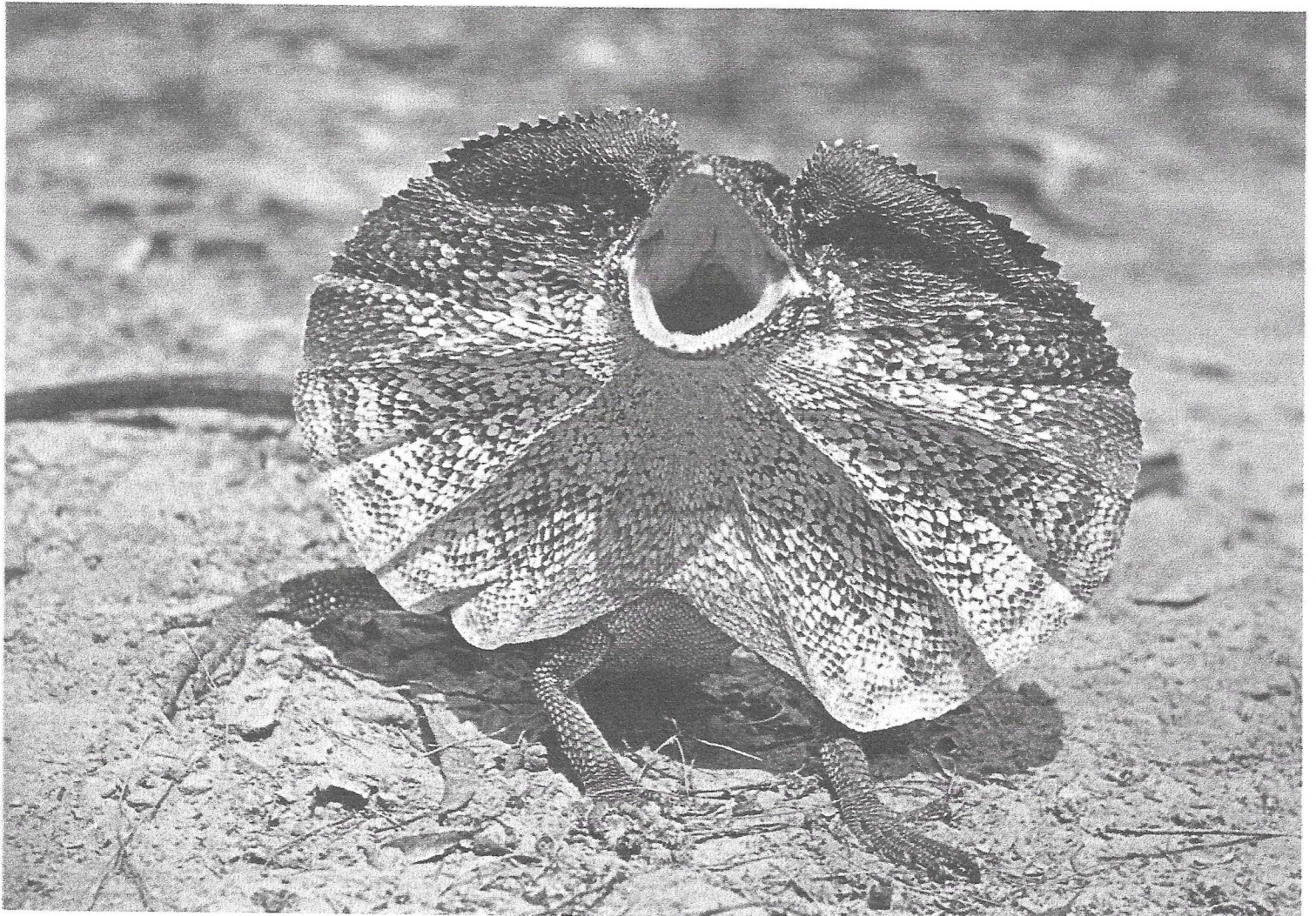
Os Descobrimientos utilizam na farmacopeia a gramática classificativa de Dioscórides, dando os diferentes nomes da planta, descrevendo as suas característi-

cas segundo uma lógica da semelhança e informando-nos do seu lugar de crescimento e modos de preservação e utilização: «[...] há este pau em cambaia a maior quantidade, [...] e acerca de todos se chama Cate e em Malaca Cato; e alguns variam este nome pouco [...] e a árvore donde se faz este Cate é tão grande como um freixo, e a folha é miúda como a das urzes [...] e pois estas gentes todas o gastam, e os chineses, sendo tão discretos e sabidos podeis assentar que é muito boa mezinha; quanto mais que eu experimentei em câmaras e em paixões dos olhos, e achei-a muito boa» (Garcia de Orta, *Colóquios do Simples e Drogas da Índia/1563*, ed. cit., vol. II, Lisboa, 1985, col. XXI pp. 69-71).

A matéria médica dos Descobrimientos, tão revolucionária informativamente, não questiona o aparelho formulativo herdado. Não se afasta em nada de essencial da classificação empírico-terapêutica da semelhança visível e qualitativa herdada da Antiguidade, mas polemicamente desvenda as limitações e

os erros descritivos dessa mesma Antiguidade Clássica e da medievalidade que formam o conteúdo da ciência normal do Renascimento: «Os Gregos, nem os Latinos antigos, não conheceram cardamomo» (idem, *ibidem*, ed. cit., vol. I, Lisboa, 1891, col. XIII, p. 174). Estes dois breves exemplos sobre a astronomia e a matéria médica, em que vemos Pedro Nunes e Garcia de Orta aceitarem

Clamidossauro (réptil da Austrália). O novo mundo físico representa uma naturalização porque transmite empiricamente uma grande quantidade de dados sobre a flora, a fauna, a hidrografia, etc., dos mais diferentes pontos do planeta.



a episteme tradicional e, ao mesmo tempo, criticarem algumas das limitações do horizonte de Mundo e de Natureza herdado, dão-nos a exacta medida do possível e do impossível à cultura dos Descobrimentos Portugueses.

Existe frente à tradição que fundamenta a estatuída ciência formal um desvio revolucionário operado pelo saber nascido dos e com os Descobrimentos. Trata-se, sem dúvida, de um desvio crítico e polémico, mas tão-só parcial e virado para os aspectos pontuais da prosa do Mundo/sistema orgânico-qualitativo. Os Descobrimentos não produzem um criticismo contra a lógica e o essencial desse mesmo sistema de visão do Mundo e da Natureza.

A controvérsia gerada pela cultura dos Descobrimentos é, no essencial, interna ao quadro tradicional da ontologia e da epistemologia herdada da Antiguidade e da medievalidade.

Os Descobrimentos contribuem para a formação do Mundo e da Natureza renascentistas, mas o todo do horizonte epistémico e ontológico do Renascimento é bem mais de herança e de continuidade do que de ruptura frente à tradição.

É este limite epocal dos séculos xv e xvi que se manifesta no sentido do saber dos Descobrimentos. A teoria e a prática da sabedoria técnico-científica dos Descobrimentos assenta o essencial da sua crítica no *informativo* ou no *formativo pontual*, isto é, no preenchimento das lacunas e na refutação do Mundo e da Natureza orgânico-qualitativa.

Os Descobrimentos, ao atingirem é ao contribuírem decisivamente com a sua informação e formulação para se atingir o máximo das potencialidades do quadro orgânico-qualitativo, contribuem para o esgotamento das possibilidades desse mesmo quadro e tornam mais patente o facto de que no campo renascentista das ideias de Mundo e de Natureza «uma ordem declina sem que ainda se tenha formado uma nova ordem» (Eugenio Garin, *Scienza e Vita Civile nel Rinascimento Italiano*, Roma, 1980, p. 12). No interior destas fronteiras e limites faz sentido colocar o problema do contributo dos Descobrimentos para a nova visão do Mundo e da Natureza. Existem programas historiográficos que criam em torno do fenómeno dos Descobrimentos toda uma mitologia de modernidade que é absolutamente anacrónica. O corpo documental da expansão planetária não possibilita qualquer anacronismo modernizador. A dimen-

são revolucionária dos Descobrimentos é interna à ordem tradicional do Mundo e da Natureza. Este facto não nega a dimensão revolucionária, mas marca-lhe, decisivamente, os limites de existência e de possibilidade.

Os contributos mais relevantes do campo cultural dos Descobrimentos para a visão renascentista do Mundo e da Natureza podem ser agrupados em três grandes unidades de temas e problemas: *i*) imagem da natureza física; *ii*) imagem da natureza humana e do mundo da vida; *iii*) imagem da natureza e da ordem/mundo do saber verdadeiro.

No campo da natureza física é muito frequente, no plano global, o aparecimento das expressões «novo mundo» e «outro mundo». Estas expressões designam, a partir do século xv, o alargamento das fronteiras do conhecimento e do acontecimento, no para-almém-dos-limites-tradicionais, isto é, na direcção do equador/zona tropical e do hemisfério sul. (Ver W. G. L. Randles, «Le nouveau monde, l'autre monde et la pluralité des mondes», in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, vol. IV, Lisboa, 1961, pp. 347 a 382.)

A cultura dos Descobrimentos, no aspecto informativo da nova natureza física, proclama quatro novidades que contrariam muito do saber herdado e estabelecido: 1) a habitabilidade da zona equatorial; 2) a comunicabilidade entre os hemisférios norte e sul; 3) a comunicabilidade entre os oceanos Atlântico e Índico; 4) a descoberta de uma nova parte do Mundo (o continente americano).

O problema da habitabilidade da zona tórrida e da existência de antípodas permite enunciar um saber objectivo que desmente as formulações de, entre outros, Santo Agostinho (em *De Civitate Dei*, obra escrita entre 413 e 426) e Pierre D'Ailly (na *Imago Mundi*, 1410).

A novidade informativa da natureza física, que vai formando um novo mundo do ser e do saber, é proclamada pela cultura dos Descobrimentos com um radicalizado sentido da diferença: «[...] por que possais haver conhecimento do engano em que os de ante nós sempre viverão [...] diziam ainda que as terras eram areosas e sem alguma povoação. E bem é que quanto às areias não se enganavam de todo, mas, todavia, não em tamanho grau, e da povoação bem vistes o contrário, pois que os seus moradores vedes cada dia ante vossos olhos» (Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos Feitos Notáveis Que Se Passa-*

ram na Conquista da Guiné por Mandado do Infante D. Henrique/c. 1454 a 1464, ed. Torquato de Sousa Soares, vol. I, Lisboa, 1978, pp. 285 e 286).

Os novos dados empíricos que permitem construir uma nova imagem da natureza física surgem integrados num espaço discursivo que, ao mesmo tempo, explora uma nova constituição do mundo do saber. Um novo saber do mundo gera um mais e melhor mundo do saber, em polémica com os enunciados herdados: «[...] esta terra é muito vizinha do círculo da equinocial, da qual os Antigos disseram que era inabitável, e nós por experiência achamos o contrário» (Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis/c. 1505-1508*, ed. E. S. Dias, Lisboa, 1905, liv. II, cap. 10, p. 125).

O novo mundo da natureza física gerado pelo universo cultural dos Descobrimentos é, acima de tudo, de condições empírico-factual. A concepção do Mundo e da Natureza reinante antes das grandes navegações portuguesas assenta em noções teóricas de impossibilidade e de limite, como a da tórrida zona inabitável ou da diferença de qualidades humanas e naturais do hemisfério sul frente ao hemisfério norte.

Os Descobrimentos provam vivencialmente e transmitem discursivamente a falsidade destas noções limitativas. A passagem de uma idade do mundo fechado para uma idade de comunicação aberta representa uma naturalização e objectivação dos postulados teóricos. (Ver W. G. L. Randles «La signification cosmographique du passage du Cap Bojador», in *Studia*, n.º 8, Lisboa, 1961, pp. 221 a 256).

A novidade do mundo físico é-nos transmitida pelo deslumbramento quer frente à regularidade da ordem natural, quer frente à diferença e variedade das coisas: «[...] aqui entrei pela terra: matei muitas emas e veados e fui com a gente toda ao mais alto do monte de São Pedro, donde víamos campos a estender de olhos, tão chãos como a palma, e muitos rios, e ao longo deles arvoredo. Não se pode escrever a formosura desta terra: os veados e as gazelas são tanto, e as emas e outras alimárias tamanhas como potros novos e do parecer deles, que é o campo todo coberto desta caça, que nunca vi em Portugal tantas ovelhas nem cabras como há nesta terra de veados» (Pêro Lopes de Sousa, *Navegação Que Fez no Descobrimento da Costa do Brasil...*, ed. Jaime Cortesão-Paulicæ Lusitana Monumenta Historica, vol. I, Lisboa, 1956, p. 495).

O novo mundo físico representa uma naturalização, porque transmite empiricamente uma grande quantidade de dados sobre a flora, a fauna, a botânica, a hidrografia, etc., dos mais diferentes pontos do planeta.

O novo mundo da natureza física, pensado por «[...] toda uma gramática empírico-qualitativa que faz da semelhança o farol do olhar [...]» (Luís Filipe Barreto, *Caminhos do Saber no Renascimento Português*, Lisboa, 1986, p. 136), vai traçando o quarto da realidade pela descoberta das diferenças, «[...] dos amendoins temos que dar conta particular, porque é coisa que se não sabe haver senão no Brasil» (Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, ed. F. A. Varnhagen, São Paulo, 1971, p. 184), e das identidades, «[...] nesta ilha de Ternate, e em muitas das outras, há muitos porcos bravos, como os de Portugal, e dizem alguns que são da casta dos que lá levaram os Portugueses, o que parece falso, porque em muitas ilhas e partes onde eles nunca foram os há» (Gabriel Rebelo, «História das ilhas de Maluco/1561», in *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente/Insulíndia*, organização de A. Basílio de Sá, 3 vols., Lisboa, 1955, cap. v., p. 307).

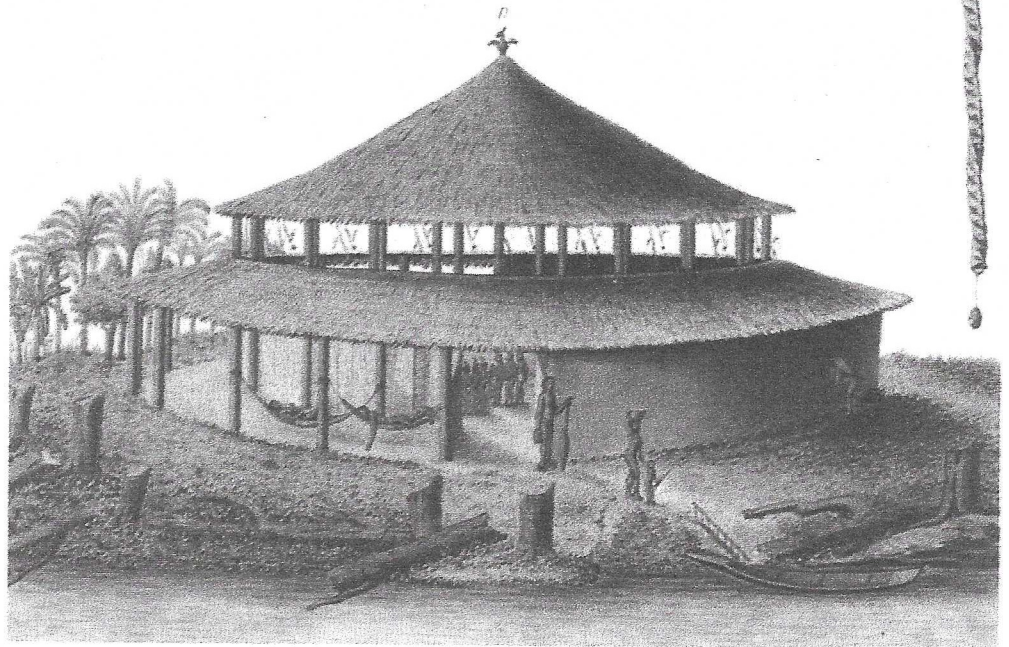
A sinalização das coisas da realidade física existente, na identidade ou diferença, nas mais variadas partes do Mundo, implica também o transporte e troca, a experiência vital da disseminação planetária: «Há outra fruta com que se mantém muita gente, e principalmente os escravos, a que chamam batatas; estas se dão já na ilha terceira deste reino de Portugal e criam-se debaixo da terra e parecem-se com inhame, têm quase sabor de castanha» (anónimo, *Relação Verdadeira dos Trabalhos Que o Governador D. Fernando de Souto e Certos Fidalgos Portugueses Passaram no Descobrimento da Província da Florida agora novamente Feita por Um Fidalgo de Elvas/1557*, ed. P. Vidal, Lisboa, 1940, cap. v, p. 19. Sobre este sistema de trocas botânicas, ver José E. Mendes Ferrão, «A influência portuguesa na difusão de plantas no Mundo», in *Prelo*, nº 6, Lisboa, 1985, pp. 71 a 80).

Esta explosão informativa sobre o mundo natural, que implica uma naturalização da teoria e da prática do saber verdadeiro, é, contudo, realizada num quadro de mais continuidade do que descontinuidade frente à tradição, como já anteriormente destacámos. A naturalização formulada pela cultura dos Desco-

brimentos pede sempre a presença e o poder do cristianismo/Deus: «[...] quis o Misericordioso Deus dar-nos em cada terra medicinas com que nos curássemos» (C. Costa, *Tratado das Drogas e Medicinas das Índias Orientais/1578*, ed. Jaime Walter, Lisboa, 1964, cap. LXIV, p. 264).

O contributo mais decisivo dos Descobrimientos Portugueses para uma nova visão do Mundo e da Natureza radica, bem possivelmente, na objectivação e prova do conceito de humanidade.

A fundamentação do conceito de humanidade implica a descoberta da regularidade física e natural do género humano, bem como a aceitação do direito à diferença sociocultural. Esta descoberta dá-se através de duas grandes provas empíricas: «sobre dois pontos, as



Povoação de índios (segundo Alexandre Rodrigues Ferreira, in *Expedição Filosófica do Pará, 1783-1792*). A novidade do mundo físico é-nos transmitida pelo deslumbramento, quer frente à regularidade da ordem natural, quer frente à diferença e variedade das coisas.

grandes descobertas modificaram a concepção do mundo reinante nos inícios do século XVI. Antes de mais, a prova definitiva de que o Globo era todo por inteiro habitado. Em seguida, o género humano revela-se bastante mais numeroso do que até aí se havia pensado» (W. G. L. Randles, «Quelques modifications apportées par les grandes découvertes à la conception médiévale du Monde», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, n.º III, Lisboa, 1959, p. 72).

Os mundos da Antiguidade e da medievalidade representam o desconhecido humano com categorias do imaginário que levavam o outro civilizacional para uma zona de infra-homem (acéfalos, homens bestiais, monstros humanos, etc.).

Os Descobrimentos revelam, empírica

e conceptualmente, a regularidade física do género humano deslocando para o território do erro refutado as concepções normalizadas até ao século XV e parte do século XVI: «Quem afirmar que vivem hoje gentes que tenham rosto de cão, ou de um só olho na testa, ou de mais de dois braços ou pés, é patranha e erro muito grande» (Frei Gaspar de S. Bernardino, *Itinerário da Índia por Terra até à Ilha de Chipre/1611*, ed. R. Machado, Lisboa, 1953, cap. VIII, p. 91).

A invenção e a prova do conceito objectivo de humanidade leva à negação de muitas das ideias vigentes que afirmavam e procuravam explicar a existência de uma diferença inferiorizante: «a estatura dos homens é de mediana grandeza; e, tirando-se-lhes a cor negra, são parecidos com os Portugueses [...] era de opinião o Sr. Duarte que a cor negra não nascesse do Sol, mas da natureza da semente» (F. Pigafetta e Duarte Lopes, *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas/1591*, ed. R. Capeans, Lisboa, 1951, cap. II, pp. 26 e 29).

Os Descobrimentos produzem uma imensa revolução informativa sobre os homens das civilizações africana, asiática e ameríndia. À medida que se avança no século XVI, este banco de dados vai sendo organizado em séries e tipos que, cada vez mais, confirmam a humanidade como uma regularidade na variedade: «[...] e como os reinos dos negros sejam tantos e as linguagens tão várias como os costumes diversos, porque em cada espaço em menos de vinte léguas há duas ou três nações, todas misturadas, e os reinos uns pequenos, e outros

grandes, sujeitos uns aos outros, e com suas seitas e costumes e as leis do seu governo e juramento venham, pe maior parte, a ser todos uns, não se necessário fazer declarações nem particular menção, porque de todos dir geralmente» (André Alvares de Almada *Tratado Breve dos Rios de Guiné e Cabo Verde/1594*, ed. A. Brásio, Lisboa 1964, p. 2).

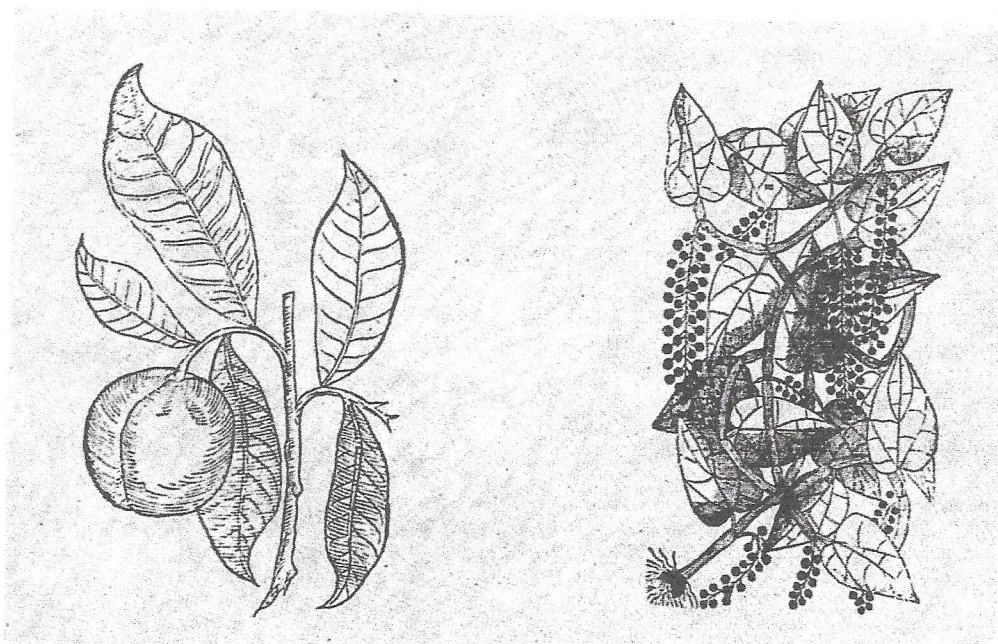
A compreensão do outro civilizacional realiza-se no quadro de uma racionalidade de analogia e de hierarquia que produz uma objectividade contaminada de subjectivismo. O ideal da descentração antropológica encontra-se presuminado por mil e uma centranções doutrinárias e ideológicas. (Ver, nesta obra: Luís Filipe Barreto, «As grandes obras portuguesas de carácter geográfico».)

O novo mundo do saber antropológico vai, no entanto, pouco a pouco construindo a sua própria e possível objectivação e descentração: «O escrever sobre coisas remotas traz sempre consigo a inconveniência de muitos, não pequenos defeitos [...] o mais recôndito e o mais secreto ficaram reservados, ou para os naturais do país, que bem sabem zelá-los, ou para aquele que, com o fim de os descobrir, melhor das intenções, quase que se esqueceram do seu próprio ser, da sua língua, dos seus costumes e do seu modo de viver, transformando-se em naturais desse país» (Álvaro Semedo *Relação da Grande Monarquia da China/1624*, ed. Luís Gomes, vol. I Macau, 1956, pp. 11 e 12).

O novo mundo da natureza física e humana é uma revolução informativa que gera mil e uma novidades: «[...] descobrindo novos mares, novas terras, novas estrelas, dando matérias de coisas tão notáveis aos livros dos cosmógrafos, passando além da memória de todas as histórias e fábulas» (João de Barros, *Panegírico do Rei D. João III/1533*, ed. Rodrigues Lapa, Lisboa, 1943, p. 4).

A explosão informativa alcançada pelos Descobrimentos promove decisivos contributos para uma nova ordem e mundo do saber. O problema do método do conhecimento verdadeiro é abordado através de dois planos de análise. No primeiro discute-se a validade do equipamento clássico e medieval, relativizando-se o peso e o valor da herança, porque «da herança é preciso, cada vez mais, escolher, actualizar, superar, criticar, porque muitas das suas verdades tornam-se [...] meros discursos fabulosos e equívocos sem base de rigor» (Luís Filipe Barreto, *Descobrimen-*

Noz-moscada e pimenta-negra, plantas orientais que foram estudadas por botânicos e farmacólogos portugueses. A naturalização formulada pela cultura dos Descobrimentos pede sempre a presença e o poder do cristianismo/Deus: «[...] quis o Misericordioso Deus dar-nos em cada terra medicina com que nos curássemos.»





os e Renascimento, Lisboa, 1983, p. 227).

O segundo plano, em profunda complicação com o primeiro, reforça o poder do eu empírico, como prova e lógica observativa e explicativa: «porque o vi pelos olhos e apalpei, e alcancei de experiência, e para mais advertência dos pilotos ou de quem isto ler e por aqui passar» («Roteiro da carreira da Índia de Vicente Rodrigues e Gaspar Manuel/c. 1591», in *Roteiros Portugueses da Viagem à Índia nos Séculos XVI e XVII*, ed. G. Pereira, Lisboa, 1898, p. 49).

Os Descobrimentos contribuem para as novidades da imagem do Mundo e da Natureza renascentista através de uma revolução informativa sobre a realidade

física e humana e de uma inquietação metodológica e formulativa em torno da ordem do saber verdadeiro.

O contributo do campo cultural da expansão planetária radica na explosão dos horizontes tradicionais do ser e do saber, na abertura dos mundos ao mundo que ultrapassa erros, imaginários e limites até aí existentes. A novidade e a diferença informativas são a grande lição dos Descobrimentos: «[...] como não há coisa que se encubra aos homens que querem cometer grandes empresas, não pôde estar encoberto este rio do mar doce ou das Amazonas» (Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil/1587*, ed. F. A. Varnhagen, São Paulo, 1971, cap. iv, p. 44).

Pormenor de uma carta do Brasil de Lopo Homem-Reinéis (1519).

Os Descobrimentos revelam, em conceptualmente, a regularidade do género humano, deslocando paraterritório do erro refutado as conormalizadas até ao século xv e xvi: «Quem afirmar que vivem bestes que tenham rosto de cão, um só olho na testa, ou de mais braços ou pés, é patranha e erro grande.»